

1820

Editorial

Durante muito tempo, habituámo-nos à ideia de que a Ordem Internacional Liberal seria definitiva e intemporal. Convencidos das vantagens do capitalismo e de uma sociedade internacional globalmente aberta ao livre-comércio e aos valores da democracia, pensámos que essa superioridade seria evidente e universalmente reconhecida, chegando até a admitir «o fim da História». Infelizmente, não prestámos atenção aos vários sinais contrários que nos iam sendo enviados.

O mais relevante deles foi, sem dúvida, o ataque às Torres Gémeas. Nesse fatídico ano de 2001, houve uma quase condenação universal de um ato que então todos qualificámos como terrorista, como se tivesse sido perpetrado por uma seita de fanáticos religiosos, sem um motivo mais eloquente. Os inúmeros ataques que, depois desse terrível acontecimento, foram cometidos um pouco por toda a Europa eram vistos como a continuação dessa doença dos tempos modernos, o terrorismo islâmico.

Quando a Rússia invadiu a Ucrânia, no dia 22 de fevereiro de 2022, o presidente Vladimir Putin dirigiu ao mundo um discurso do qual apenas quisemos saber se estávamos, ou não, expostos à ameaça nuclear. Todavia, a tese central dessa comunicação foi a de que a Ordem Internacional Liberal, ou americana, desrespeitava e ameaçava continuamente a Rússia, tendo-a obrigado a atacar o país vizinho, de forma a conter o expansionismo americano. Depois disso, em diferentes momentos, Putin voltou a insistir na mesma questão: a guerra da Ucrânia terminaria no momento em que a Ordem Internacional Liberal se remetesse ao seu território natural e abdicasse do expansionismo que a vinha orientando desde o fim da URSS.

Em termos ideológicos, dimensão a que sempre devemos prestar atenção nestes momentos disruptivos, os propagandistas de Moscovo repetiram, em termos mais elegantes e profundos, o que Vladimir Putin dizia: que a Ordem Internacional Liberal tem de findar, para que de novo possa haver paz no mundo. Esse é o ponto nevrálgico da doutrina desenvolvida por homens como Alexandr Dugin, que muitos consideram o Rasputine do novo Czar.

Agora, com o Médio Oriente em chamas, que responsabiliza abusivamente o Ocidente pelas suas próprias tragédias, reforça-se a visão de um mundo inexoravelmente dividido entre Roma e Cartago, com as respetivas forças reagrupadas em torno de ideias e visões do mundo completamente disformes e adversas entre si. A Terceira Roma, que muitos julgam localizar-se em Moscovo, precisa da aniquilação da sede primeira do *Imperium*, para poder afirmar-se e crescer sem temor. Ou, pelo menos, da renúncia à universalidade do domínio.

O dilema maior do tempo em que vivemos está, portanto, em saber como será a Ordem Internacional nas próximas décadas. Isto é, em determinar o mundo no qual viveremos num futuro próximo. Emparedada entre dois blocos antagónicos, a Europa, que nunca chegou a desenvolver uma personalidade internacional comum, fraciona-se em simpatias adversas. Essa divisão, ainda que por ora seja ténue, tenderá a agravar-se num futuro próximo, de um modo que poderá mesmo ser irreversível, se os EUA optarem por um maior isolacionismo nas eleições presidenciais de novembro.

Por todas estas razões, a 1820 – *Revista de Ciência Política*, não poderia ficar alheia ao que se passa, nos nossos dias, na Ordem Internacional. É por isso que este número lhe dedica particular atenção, com vários artigos que refletem sobre o seu passado, presente e possível futuro. De entre eles tem merecido destaque o do General Frederico J. Rovisco Duarte, com o título *A nova ordem mundial. Pressupostos e perspetiva*. A Revista continuará, nos próximos números, a dedicar a esta temática a atenção que ela inquestionavelmente merece.

A Direção